

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

**DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE
AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte
2023

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

**DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE
AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE**

Dissertação em formato de artigo científico apresentada ao Curso de Mestrado Profissional da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientador (a): Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel

Belo Horizonte

2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707
G588r
2023

Godoi, R. C. B. S., 1980-

Reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem da arte afro-brasileira no ensino fundamental da rede municipal de educação de Belo Horizonte [recurso eletrônico] / Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi. – 2023.

I recurso online.

Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel.

Dissertação em formato de artigo científico.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Inclui bibliografia.

I. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Cultura afro-brasileira – Teses. 3. Arte africana (francesa, brasileira, etc.) – Teses. 4. Relações étnicas – Teses. 5. Relações raciais – Teses. 6. Arte e educação – Teses. I. Pimentel, Lucia Gouvêa, 1947- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

**FOLHA DE APROVAÇÃO DA DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
DA ALUNA ROSEMARYCRISTINA BORGES DOS SANTOS GODOI,
NÚMERO DE REGISTRO – 2021651872.**

Folha de Aprovação - Assinatura da Banca Examinadora da Defesa de Trabalho de Conclusão da aluna ROSEMARY CRISTINA BORGES DOS SANTOS GODOI, Número de Registro – 2021651872.

Título: “DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO- BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELOHORIZONTE”

Belo Horizonte, 12 de julho de 2023

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Orientadora – EBA/UFMG

Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes – Membro – EBA/UFMG

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães – Membro – IFG



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Gouvea Pimentel, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 12/07/2023, às 20:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Servidor(a)**, em 19/07/2023, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Guimarães, Usuário Externo**, em 07/08/2023, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Geraldo Freire Loyola, Coordenador(a)**, em 07/08/2023, às 19:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2466787** e o código CRC **7E13EEA3**.

A vocês, estudantes, que diariamente me inspiram e motivam com suas mentes curiosas. Vocês são a razão pela qual me empenhei em aprimorar minhas habilidades e oferecer o melhor ensino possível. Através de suas perguntas, desafios e conquistas, sou constantemente lembrada do impacto transformador que a educação pode ter em nossas vidas.

Pedro e Maria, sejam corajosos em suas buscas, perseverantes em suas jornadas e mantenham viva a curiosidade que os impulsiona a questionar e a explorar o desconhecido. Lembrem-se de que o aprendizado é um processo contínuo e que cada descoberta, contribui para a ampliação de seus horizontes.

Rosemary

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram de maneira relevante para a elaboração deste trabalho. Seu apoio e colaboração foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Agradeço em especial à profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel pela sua orientação dedicada, paciência e competência, que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua orientação cuidadosa e as valiosas contribuições foram indispensáveis para a elaboração da pesquisa.

Aos meus colegas professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e aos membros do Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais, meu sincero agradecimento pelas contribuições, compartilhamento de conhecimentos e pelas discussões enriquecedoras acerca da temática da minha pesquisa. Suas contribuições foram de inestimável valor e ajudaram a aprofundar as reflexões presentes neste trabalho.

Aos professores das disciplinas do mestrado, cujo conhecimento compartilhado foi essencial para alicerçar minha pesquisa e ampliar minha compreensão sobre o tema em questão.

Aos professores que compuseram a banca do Exame de Qualificação, pelas contribuições valiosas e pelas observações construtivas que fortaleceram e enriqueceram a pesquisa.

Às amigas Lidiane e Lílian pela parceria, constante diálogo acerca da temática da minha pesquisa e pela inspiração mútua. Nossas trocas foram fundamentais para a evolução das ideias e para a superação de desafios ao longo deste percurso.

À Luciana, pela atenção, trocas de conhecimento e auxílio no empréstimo de livros, que foram essenciais para o embasamento teórico desta pesquisa.

À direção e coordenação da Escola Municipal Levindo Lopes, meu profundo agradecimento pelo apoio e incentivo fornecidos ao longo deste trabalho. A colaboração de vocês e a confiança foram fundamentais para que eu pudesse conduzir a pesquisa em um ambiente propício e acolhedor.

Por fim, dedico um agradecimento especial à minha família, que sempre acreditou em mim, me apoiou incondicionalmente e me incentivou a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Vocês são minha fonte constante de inspiração e motivação.

“É através da arte ou, mais diretamente, do vivenciar a arte, que o processo de aprender e ensinar é viável e em todo e qualquer tópico [...]. Nesse processo, o educador estará promovendo entre o futuro cidadão/a o verdadeiro e transparente entendimento de que todo ser humano é igualmente capaz e necessário, independente da cor da pele e de outras diferenças, que, aliás, é o que enriquece uma comunidade e é imprescindível para o bem-estar e o progresso de um povo”.

Roberto Conduru

DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar como é tratado o ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira no ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Parte-se da hipótese de que a ausência do ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras coloca a apresentação dessa cultura em desigualdade de informação em relação a outros povos, além de induzir a ideia de que ela não existe ou que não faz parte do conhecimento a ser construído. A pesquisa foi norteada pela questão: como é tratado o processo de ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira, em relação à herança cultural, de modo que contribua com a educação para as relações étnico-raciais no ambiente escolar? Os dados analisados durante a pesquisa foram coletados a partir de questionários e entrevistas semiestruturadas realizadas com professores do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Os resultados e as análises realizadas subsidiaram a elaboração de uma proposta pedagógica em artes visuais voltada para o ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira no ensino fundamental.

Palavras-chave: arte afro-brasileira; ensino/ aprendizagem de arte; referenciais negros; relações étnico-raciais.

DECOLONIZING PEDAGOGICAL PRACTICES IN BASIC EDUCATION: REFLECTIONS ON THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF AFRO- BRAZILIAN ART IN ELEMENTARY EDUCATION OF THE MUNICIPAL EDUCATION NETWORK OF BELO HORIZONTE

ABSTRACT

This article aims to analyze how the teaching/learning of Afro-Brazilian art is treated in elementary education in the Municipal Education Network of Belo Horizonte. It is based on the hypothesis that the absence of teaching/learning of Afro-Brazilian arts places the presentation of this culture in inequality of information in relation to other peoples, in addition to inducing the idea that it does not exist or that it is not part of knowledge. To be built. The research was guided by the question: how is the teaching/learning process of Afro-Brazilian art treated, in relation to cultural heritage, so that it contributes to education for ethnic-racial relations in the school environment? The data analyzed during the research were collected from questionnaires and semi-structured interviews carried out with teachers from the 1st to the 9th grade of elementary school. The results and analyzes carried out supported the development of a pedagogical proposal in visual arts aimed at teaching/learning Afro-Brazilian art in elementary school.

Keywords: afro-brazilian art; art teaching/learning; black references; ethnic-racial relations.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE..... | 11 |
| | REFERÊNCIAS | 26 |
| | APÊNDICE A – Questões para questionário..... | 29 |
| | APÊNDICE B – Questões para questionário | 30 |
| 2 | ARTE AFRO-BRASILEIRA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS..... | 31 |

DESCOLONIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE

Introdução

Como professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte - RME/BH, sempre foi confiada a mim a missão de ensinar arte nas escolas com as crianças. Porém, eu observava que o ensino de arte, às vezes, era reduzido a alguns trabalhos realizados em datas comemorativas, propostas de colorir desenhos estereotipados ou na confecção de alguns origamis. A arte simplesmente não era e, para muitas pessoas, ainda não é reconhecida como área de conhecimento. Observei frequentemente a hierarquização das disciplinas, sendo que Arte acabava sempre ficando em segundo plano.

Minha formação inicial para trabalhar com Arte nos dois segmentos da educação básica não foi em Artes. Na maioria das vezes, quem atua na educação infantil e nos dois primeiros ciclos do ensino fundamental têm formação em Pedagogia.

Como ensinar algo que não aprendemos na formação inicial ou em cursos de formação continuada? Como sensibilizar os estudantes para o ensino/aprendizagem em artes visuais? Como desenvolver práticas educativas significativas no ensino das artes? O que fazer para que o componente curricular Arte não desapareça no contexto educativo?

Tais inquietações me impulsionaram, em 2017, a participar do processo seletivo para ingressar no curso de Especialização de Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - EBA/UFMG, cuja conclusão aconteceu em fevereiro de 2020 e que abriu as portas para o ingresso ao Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes da mesma instituição, em 2021.

Como professora da rede pública desde 2008, participei de algumas formações continuadas ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED/BH voltadas para a implementação da Lei nº 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática História e Cultura Afro-Brasileira e da Lei nº 11.645/2008, que altera a lei anterior e determina a obrigatoriedade da temática, História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Dez anos depois me integrei ao Núcleo de Estudos das

Relações Étnico-Raciais - NERER, como representante da escola de ensino fundamental na qual leciono.

Com isso, comecei a pensar em práticas para serem desenvolvidas nas instituições, visando à implementação das leis, tendo em vista a promoção da igualdade racial dos estudantes.

Enquanto mulher preta, eu poderia fazer um longo relato sobre o tanto que padrões pré-estabelecidos pela sociedade, estereótipos e estéticas impostas, que impactaram e impactam negativamente na minha vida desde a infância, e na vida dos meus familiares, amigos, alunos e filhos. Por longos anos vi meus ancestrais negando a si mesmos, assim como neguei as minhas raízes por diversas vezes. Me via como um ser à margem da sociedade.

Na medida em que fui participando de espaços de formação e de grupos, que lia autores negros e referenciais que subsidiavam minha prática docente, percebi que era possível ressignificar as aulas de Arte e, ao mesmo tempo, pensar na arte com representatividade negra.

Nesse sentido, nasceu então o desejo de pesquisar sobre a arte afro-brasileira e sua possível contribuição para a educação para as relações étnico-raciais na educação básica. A linha de pesquisa escolhida foi a abordagem teórico-metodológica das práticas docentes, e teve parecer consubstanciado favorável de nº 5.797.662 pelo Comitê de Ética da UFMG.

Trata-se de uma pesquisa educacional em Arte de cunho qualitativo realizada com 40 professores da RME/BH, que responderam a um questionário de 13 questões pelo *Google Forms* e quatro professores do NERER, que participaram de entrevista semiestruturada pelo *Google Meet*. O convite aos professores colaboradores foi realizado via grupos de WhatsApp dos nove Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais, por meio do compartilhamento do *link* para preenchimento do formulário eletrônico/questionário e posteriormente participação da entrevista via videoconferência.

Ambos instrumentos de pesquisa estão relacionados ao processo de implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e ao processo de ensino/aprendizagem das artes afro-brasileira no 1º, 2º e 3º ciclos do ensino fundamental. No decorrer do artigo, para referenciar a fala dos professores nos questionários, utilizarei a letra Q seguida de ponto e números de 1 a 40; para referenciar falas das entrevistas, a letra E seguida de ponto e números de 1 a 4.

Leis nº10.639/03 e nº11.645/08: Os professores da educação básica conhecem?

A Lei nº11.645/2008, ao se referir ao estudo da "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena", indica diretamente o papel especial de áreas como Literatura, História e Artes como foco do trabalho, na produção das identidades e sensibilidades. Com sua promulgação, ampliou-se o debate sobre uma cultura contra hegemônica, em contraponto às culturas eurocêntrica e estadunidense, sendo uma preocupação reconhecer os saberes afro-diaspóricos, ancestrais e contemporâneos.

Com isso, as escolas de educação básica precisaram repensar o currículo e estabelecer debates e pensar em práticas pedagógicas voltadas para o reconhecimento da cultura e identidade destes povos historicamente negados, considerando suas próprias subjetividades para reconhecer o papel histórico do racismo institucional.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005),

Aos estabelecimentos de ensino está sendo atribuída responsabilidade de acabar com o modelo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e seus descendentes para a construção da nação brasileira; de fiscalizar para que, no seu interior, os alunos negros deixem de sofrer os primeiros e continuados atos de racismo de que são vítimas (BRASIL, 2005, p.18).

Por meio do questionário encaminhado aos docentes, uma das questões apresentadas inicialmente era se eles tinham conhecimento das Leis nº10.639/03 e nº11.65/08, e foi possível observar que, dos professores participantes, 97,5% dizem conhecer as leis.

Quanto ao trabalho desenvolvido nas instituições, 85% dos docentes apontaram que, na escola em que atuam, há um trabalho voltado para a implementação das leis e, na contramão do que propõe a legislação, 15% dizem não haver ações que visam à implementação.

Alguns professores relataram que as ações para implementação das referidas leis ainda são pontuais, sendo feitas por poucos profissionais nas instituições escolares e não abrangem todas as áreas do conhecimento escolar, não envolvendo todo o corpo docente.

Gomes (2000) destaca que a educação é um processo amplo e complexo de construção de saberes culturais e sociais que fazem parte do cotidiano da humanidade. No entanto, a autora chama a atenção para a seguinte contradição: apesar de concordar com a afirmação anterior, muitos educadores negam o papel da escola no trato com a diversidade étnico-racial. É difícil pensar a escola brasileira deslocada das relações raciais que fazem parte da construção histórica,

cultural e social do país e não há como pensar as relações raciais fora do conjunto das relações sociais.

O desconhecimento das leis e o trabalho realizado nas escolas de forma pontual no qual as envolve faz com que o ensino é realizado como se a sociedade brasileira fosse monocultural, tornando os docentes, incapazes de descolonizar o currículo e de vencer determinações representativas de uma única raiz étnico-racial. Nesse contexto, é importante destacar a dificuldade de pensar em ações pedagógicas descolonizadoras, uma vez que há, no interior das escolas, profissionais que, embora conheçam as referidas leis, não as implementem em suas aulas.

Nilma Lino Gomes destaca o papel importantíssimo da escola:

Os (as) professores não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores (as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da Igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro (GOMES, 1999, p.60).

Para isso, é extremamente necessário e urgente entender como os processos de ensinar e de aprender têm se constituído ao longo de mais de 500 anos de história de formação da nação. Tratar de ensinamentos e aprendizagens é tratar de identidades, conhecimentos que situam em diferentes contextos sociais, destacando novos sujeitos e novas práticas educativas, na expectativa de minimizar a discriminação racial e o preconceito em todas as escolas.

O ensino/aprendizagem de arte afro-brasileira nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte - RME/BH

Além do que é proposto nas leis e nas competências propostas Base Nacional Comum Curricular, a organização do trabalho pedagógico na RME/BH deve estar pautada no respeito incondicional a todas as crianças como sujeitos sociais de direitos. Isto é, faz-se necessário que a instituição escola e os profissionais da educação repensem a forma como as questões étnico-raciais são abordadas em sala.

Cabe aos professores e educadores organizarem as condições físicas, materiais e estruturais de modo a oferecer às crianças oportunidades significativas de interagirem, em diferentes momentos, entre si, com os demais adultos, com as crianças de outras faixas etárias, consigo mesmas, com os objetos e artefatos culturais, em situações intencionalmente planejadas, estruturadas ou

semiestruturadas, sempre sob sua supervisão atenta (SMED, 2016, p.42).

A Proposição Curricular - Arte para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Belo Horizonte é um documento que, além de indicar uma série de propostas para fomentar o olhar investigativo do professor, apresenta assuntos específicos do ensino de Arte com capacidades/habilidades e conhecimentos para o ensino das expressões artísticas.

Esse documento traz um breve histórico sobre o ensino da Arte no Brasil. Em seguida, apresenta o trabalho com expressão artística: artes visuais, dança, música e teatro, e a ampliação da experiência estética. Apresenta uma abordagem temática e metodológica voltada para a Abordagem Triangular¹ sistematizada por Ana Mae Barbosa e uma lista de capacidades/habilidades específicas para o 1º, 2º e 3º ciclos de formação do ensino fundamental, sendo três anos cada ciclo e como se dá a avaliação em Arte.

Buscando promover o desenvolvimento das capacidades pelos ciclos de formação e contemplando o aspecto processual da aprendizagem, o documento adota quatro tipos de abordagem das capacidades: Introduzir, Trabalhar, Consolidar e Retomar.

Como contribuição para o planejamento do professor, os quadros com as matrizes curriculares trazem sugestões quanto à gradação no tratamento das capacidades em cada ano do ciclo e são empregadas as letras I, R, T e C que remetem, respectivamente, aos verbos introduzir, retomar, trabalhar e consolidar.

Ao falar de capacidades/habilidades, o documento (SMED, 2010) traz possibilidades do desenvolvimento das aulas por meio de uma lista de conhecimentos disciplinares em artes visuais, por exemplo, tais como o contato sensível, reconhecimento, observação e experimentação das formas visuais em diversos meios de manifestação da imagem estética e em movimento, e o reconhecimento e experimentação dos elementos básicos da expressão visual, em suas articulações em diferentes culturas.

O Ensino de Arte afro-brasileira na RME-BH: como acontece?

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), o ensino da Arte no ensino fundamental deve garantir aos estudantes a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade.

¹ Para detalhamento sobre a Abordagem Triangular vide: BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 30-51.

Nas habilidades EF15AR01 e EF69AR01, o estudante deverá ser capaz de:

Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 201).

Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p. 207).

No que se refere ao tema “arte afro-brasileira”, ele se configura atualmente como espaço de disputas de várias ideias.

De acordo com Conduru (2007, p.11), pode-se tomar a arte afro-brasileira como:

Qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética, as religiosidades africanas tradicionais e, de outro, os cenários sócios culturais do negro no Brasil. Assim é preciso pensar coisas e ações indicadas pelo cruzamento de arte e afro-brasilidade: de obras de arte à cultura material e imaterial.

Para o autor, a expressão arte afro-brasileira indica, ainda, um campo de pluralidades composto por objetos e práticas bastante diversificados, vinculados de maneiras diversas à cultura afro-brasileira, a partir do qual tensões artísticas, culturais e sociais podem ser problematizadas estética e artisticamente.

Uma outra questão que permeou o questionário e foi indispensável para a elaboração da proposta pedagógica foi sobre as ações pedagógicas que contribuem para o ensino das artes afro-brasileiras nas escolas.

Como ações pedagógicas, alguns professores registraram a promoção de ações que abordam a cultura afro-brasileira e visitas a centros culturais, galerias de arte, teatro, cinema e museus, como, por exemplo, o MUQUIFU² - Museu de Quilombos e Favelas Urbanas de Belo Horizonte; apresentação de artistas negras/os, valorizando a arte negra brasileira que proporcionam em seus trabalhos reflexões acerca do racismo e da realidade da população negra.

Dentre as ações apresentadas, os professores citaram espaços para trabalhar as artes afro-

² Saiba mais em: <http://portalbelohorizonte.com.br/o-que-fazer/arte-e-cultura/muquifu-museu-dos-quilombos-e-favelas-urbanos>.

brasileiras não só nas escolas, mas também em espaços de educação não formal nos quais os estudantes podem ter contato com atividades interativas, como é o caso dos museus, por exemplo.

Nesse sentido, Maria da Glória Gohn ressalta que:

A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que ele participa. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania. Ela prepara cidadãos, educa o ser humano para civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, individualismo etc. (GOHN, 2006, p. 29-30).

As práticas educativas desenvolvidas além dos muros escolares contribuem para a produção de saberes a partir das experiências dos estudantes, pois se apresentam com uma perspectiva que aborda a Educação como promotora de mecanismos de inclusão social que promovem o acesso aos direitos de cidadania.

Ainda no campo das ações que contribuem para o ensino das artes afro-brasileiras, o professor Q.16 destacou já ter trabalhado com dois livros didáticos de Arte do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, embora não tenha mencionado o nome dos mesmos. Ele destacou que os livros trazem reflexões significativas acerca das leis e que servem como suporte em sua prática na sala de aula; diz que já estão bem diferentes dos livros de alguns anos atrás.

Sobre o uso do livro didático, a professora E.3 aponta que, na escola em que leciona, os livros didáticos³ de Arte também são adotados e contribuem com o ensino da arte afro-brasileira e debate sobre a questão étnico-racial:

O livro didático foi um avanço que sentiram nesses últimos 20 anos. E que há temáticas no decorrer dos capítulos que tratam das questões da arte com a sociedade, a questão étnico-racial e esse debate é feito o tempo todo no ambiente escolar na disciplina de arte[...] são feitas reflexões da vida diária, os alunos são adolescentes, alguns provenientes dos aglomerados, o que trazem da prática racista social e como a sociedade os veem [...] e isso é pensado no viés da arte (E.3).

Ao analisar alguns⁴ livros de Arte do PNLD do 1º ao 9º ano (2023-2026), considero que é

³ Para conhecimento dos livros, vide: POUGY, Eliana; VILELA, André. Teláris arte: ensino fundamental, anos finais. 1.ed. São Paulo: Ática, 2018.

⁴ Para conhecimento dos livros vide: <https://pnldf1.moderna.com.br/arte/presente> e

possível considerar a mudança na abordagem dos conteúdos de vários, mas avalio que precisam melhorar ainda mais.

Os docentes devem analisar os livros adotados e utilizá-los como um complemento no processo de ensino-aprendizagem com os estudantes, tendo o olhar crítico de não tornar as aulas de Arte apenas em momentos de estudo e cumprimento das unidades de estudos neles contidas. É importante que eles não sejam a única referência de acesso ao conteúdo dos componentes curriculares da escola, mas sim servirem como uma janela para outras considerações de aprendizagem.

Na contramão dos demais, o professor Q.34 relatou sobre a não existência de ações pedagógicas que contribuem para a implementação do ensino das artes afro-brasileiras, além da escassez de material. Ele mencionou, ainda, que nas escolas em que trabalha não acontecem essas ações como considera que deveriam acontecer e que a escola propõe trabalhos voltados para as leis apenas em datas comemorativas.

Considero que o trabalho pautado na implementação das leis, bem como o ensino das artes afro-brasileiras devem permear todas as disciplinas do currículo e durante todo o ano letivo, de modo a romper com um saber eurocentrado, que privilegia artistas masculinos e brancos, na maioria. Os materiais didáticos são instrumentos importantes à prática docente. A ausência deles deixa de trazer consigo a possibilidade de novas alternativas a serem exploradas na construção de conhecimentos pelo estudante.

Referenciais negros utilizados em práticas docentes

Quanto aos referenciais negros que contribuem para implementação do ensino das artes afro-brasileiras nas escolas, observou-se que 35% dos professores relataram não utilizar qualquer referencial negro. Já 65% dos professores mencionaram usar os seguintes artistas: Emanuel Araújo, Emicida, Heitor dos Prazeres, Priscila Rezende, Crioula, Priscila Lima (Witch), Rubem Valentim, Jorge dos Anjos, Carybé, Pierre Verger, Robinho Santana, Sidney Amaral e Rosana Paulino.

Para estudos e fundamentação do trabalho desenvolvido, mencionaram autores como Nilma Lino Gomes, Lucia Gouvêa Pimentel, Roberto Conduru, Kabengele Munanga, Madu Costa, Conceição Evaristo, Nelson Mandela e Rosa Margarida.

Além disso, a capoeira, patrimônio cultural da humanidade, também foi citada como referencial no trabalho com as artes afro-brasileiras, o que é um ponto positivo, já que envolve aspectos artísticos/culturais também.

Embora de uma forma ampla, várias referências afro-brasileiras dialogam com as histórias silenciadas, porque partem de expressões excluídas pela colonialidade, que universaliza e valida apenas um tipo de conhecimento.

Os professores apontaram diversos referenciais negros para nortear sua prática docente, sendo que nem todos são artistas. Alguns apontaram trabalhar com artistas que retratam a arte afro-brasileira e autores que trazem reflexões acerca do racismo, do preconceito, de educação para as relações étnico-raciais e sobre a descolonização de práticas pedagógicas no ambiente escolar e mudança do currículo.

Dessa forma, esses referenciais apresentaram um modelo descolonizador de ensinar e aprender arte por apontarem personalidades que valorizam a diversidade cultural, artística, étnica, estética e social como possibilidade de socialização de saberes, na construção de conhecimentos capazes de promover uma convivência saudável e práticas sociais contrárias a formas de preconceito, racismo e discriminação.

Gomes (2012) aponta como um alerta importante a descolonização dos currículos e a compreensão das rupturas epistemológicas e culturais trazidas pela questão racial na educação brasileira. É necessário compreender as formas por meio das quais a cultura negra, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos. Essa compreensão é considerada por ela um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional.

Além disso, Nilma Lino Gomes destaca a necessidade de uma abordagem crítica do currículo, questionando os discursos dominantes e promovendo uma educação emancipatória que capacite os estudantes a compreender e transformar as estruturas de opressão e desigualdade presentes na sociedade.

A diversificação do currículo e a promoção de uma educação intercultural que valorize a pluralidade de saberes e identidades, buscando garantir que as experiências e contribuições de diferentes grupos sociais sejam reconhecidas e valorizadas, poderão ser pilares para uma

proposta pedagógica emancipadora.

É importante, também, dar reconhecimento e visibilidade para o protagonismo negro na arte criando estratégias metodológicas de difusão de artistas por meio do ensino/ aprendizagem da arte afro-brasileira.

A arte afro-brasileira e a educação para as relações étnico-raciais na educação básica

Ao se falar em educação das relações étnico-raciais, faz-se necessário ter em mente a formação de cidadãos, pessoas empenhadas em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos e dos direitos de ser e pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2005), é atribuída às escolas a responsabilidade de acabar com o modelo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e seus descendentes para a construção da nação brasileira, e assegurar que os alunos negros deixem de sofrer os atos de racismo nesse espaço.

Assim, ao se pensar em ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira na educação básica, é necessário propor ações nas quais os estudantes possam compreender e relacionar a arte como fato histórico, contextualizado nas diversas culturas, respeitando e analisando as produções regionais, nacionais e mundiais. Ações que possam identificar a existência de concepções artísticas e estéticas de diferentes grupos culturais, valorizando as diferentes formas de manifestações artísticas que poderão auxiliar na construção de novas percepções sobre a pluralidade que compõe a identidade do povo brasileiro, e não apenas uma única etnia.

Chimamanda Ngozi Adichie aponta para o perigo de se contar uma história única:

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única. É claro que a África é um continente repleto de catástrofes. [...] Mas existem outras histórias que não são catástrofes, e é muito importante, igualmente importante falar sobre elas (ADICHIE, 2019, 26-27).

Sobre a contribuição do ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira para a educação das relações étnico-raciais, os professores destacaram vários pontos importantes, dentre eles que “a arte revela e traz a cultura de um povo. Ao trazer a arte afro-brasileira é impossível não

relativizar os padrões estéticos estruturais de nossa sociedade, e isso já é uma construção/desconstrução de saberes” (Q.3).

O professor Q.18 destacou que a arte possibilita o reconhecimento e valorização de pessoas negras na cultura brasileira, de modo a garantir uma educação que supere o racismo e a desigualdade social. Ele relata, ainda, que o preconceito étnico-racial foi e ainda é um dos pilares de sustentação da desigualdade social.

Embora alguns professores tenham trazido algumas questões que justificam a contribuição do ensino das artes afro-brasileiras para a educação das relações étnico-raciais, outros mencionaram alguns fatores dificultadores nesse processo, tais como abordar assuntos relacionados a religiosidade (Q.6); a resistência do aluno por falta de autoestima (Q.15); ao racismo ainda existente e que é o grande entrave para a mudança de mentalidade (Q.40); a falta conhecimento e falhas na formação durante o ensino superior (Q.9) e a falta de formação em Arte (Q.37).

De acordo com Djamila Ribeiro (2019), o racismo é um sistema de opressão estrutural que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo. Pontua, também, que práticas antirracistas são urgentes e se dão nas atitudes cotidianas.

O racismo opera no ambiente escolar, por meio de mecanismos que inviabilizam e negam as questões raciais, como o discurso que paira no cotidiano de que não há diferenças entre as crianças, a materialidade, os livros de literatura, murais e painéis que as crianças acessam.

No livro *Racismo estrutural*, Sílvia Almeida diz:

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social, e por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça o indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2019, p. 52).

É extremamente importante agir contra o racismo. Como professora e educadora, considero que as práticas pedagógicas e intervenções devem se contrapor a todo e qualquer comportamento discriminatório tendo em vista a promoção da igualdade racial nas escolas. Nesse sentido, o processo formativo docente é indispensável.

O processo formativo dos docentes na RME/BH - Formação docente continuada

Uma outra questão importantíssima e indispensável no fazer docente é a formação.

O artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê que a formação continuada em serviço deve oferecer aos docentes a oportunidade de aprender, junto com seus colegas de trabalho, com suporte de um formador experiente (mentoria ou tutoria), compartilhando aprendizagens já desenvolvidas, atendendo ao disposto no parágrafo único do artigo 61 da mesma.

Na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, a docência nos anos iniciais da educação básica é feita, na maioria das vezes, por um ou dois professores licenciados em Pedagogia e que podem atuar com todas as disciplinas do 1º ao 5º ano (1º e 2º ciclos). Apenas do 6º ao 9º ano (3º ciclo) à docência é realizada com o professor especialista em cada disciplina.

A Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010, do Conselho Nacional de Educação, que fixa diretrizes curriculares para o Ensino Fundamental de nove anos, registra que o ensino de Arte poderá estar a cargo do professor de referência da turma ou de professores licenciados nas respectivas disciplinas. Nesse sentido, é conferido ao pedagogo docente a autorização de ensinar Arte nos anos iniciais do ensino fundamental.

Dos professores que responderam ao questionário, 52,5% disseram não participar de formações continuadas relacionadas à temática racial no campo da arte. O professor Q.6 aponta que sente falta desse tipo de formação, diz não receber muitas informações e não ter conhecimento sobre formações com a temática racial em arte. Relata, ainda, que a UFMG e outras universidades públicas poderiam fazer parcerias com as escolas públicas para promover formação de professoras nessa área.

A Secretaria Municipal de Educação estabelece parcerias com as universidades públicas e oferece cursos de formação continuada aos professores da rede pública de ensino. O que se percebe, nesse caso, é que a divulgação na maioria das vezes não atinge a todos os interessados, o que faz com que professores desconheçam essas ações.

O professor Q.5 destaca que a RME/BH deve cada vez mais diversificar os seus colaboradores e promover a formação continuada, *lato sensu* e *stricto sensu*, através das universidades públicas, presenciais, com horas extraclasse remuneradas, para os professores e gestores todos os anos. Já o professor Q.38 afirma ser imprescindível a formação nas redes de ensino

relacionadas ao ensino das artes afro-brasileiras.

De acordo com Rocha (2006, p.16), a formação docente é o ponto mais importante para a construção de uma educação emancipatória, antirracista e verdadeiramente democrática. É por meio das formações que o docente se fundamenta e poderá contribuir para esse avanço por meio da conscientização da importância de sua atuação profissional.

Ainda sobre a participação docente nas formações continuadas relacionadas à temática racial no campo da arte, os 47,5% que dizem participar citam que o fazem de forma autônoma em palestras e cursos *online*, no *Projeto Integrarte* da Prefeitura Municipal de Cultura de BH e das formações no Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais.

Os Núcleos de Estudos da Relações Étnico- Raciais

Os Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais (NERER) são uma estratégia de formação continuada e em serviço. Foram instituídos em 2005, pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, para a implementação das Leis Federais nº 10.639/03 e nº 11.645/08.

Os encontros formativos acontecem uma vez por mês, agrupados por região, inter-regional ou centralizado, e participam professores e outros profissionais representando as escolas e creches parceiras. Os encontros são espaços de construção coletiva e colaborativa de saberes e de compartilhamento de práticas pedagógicas.

Os NERER são coordenados pela Gerência das Relações Étnico-Raciais (GERER/SMED/PBH) e por uma Coordenação Ampliada, composta por professores da Rede Própria e Parceira que colaboram, voluntariamente, com o planejamento, organização e mediação dos encontros mensais nas nove regionais da cidade.

Os Núcleos contam, ainda, com o Repositório NERER, espaço de compartilhamento de materiais de subsídios - vídeos, textos, legislações, relatos de práticas e outros. 67,5% dos professores responderam conhecer o NERER, além de considerá-lo muito importante para a formação docente é fundamental para formação continuada na Rede (Q.9).

De acordo com o professor Q.34, o Núcleo é um grupo onde há muitas trocas de experiências e que fortalece pessoas que têm como objetivo comum o estudo das relações étnico-raciais nas escolas da RME/BH. Para o professor Q.10, os encontros do núcleo de estudos são importantes espaços de formação continuada em serviço, pois, por meio deles, é possível pensar em

estratégias de trabalho mais acertadas, além de promover o fortalecimento reflexivo e laços de apoio e ajuda mútua. O professor Q.32 destaca que, apesar de importante, a formação deveria ser para todos os professores e gestores, não só para apenas um representante por turno de cada escola.

A formação continuada docente, seja no NERER ou em outros espaços formativos, contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, cujo objetivo, entre outros, é auxiliar nas capacidades reflexivas sobre a própria prática docente. Nesse sentido, ela pode permitir a aproximação entre os processos de mudança que se deseja fomentar no contexto das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas no ambiente escolar.

Considerações finais

O ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira pode desconstruir estereótipos e preconceitos, abrindo caminhos para novas experiências estéticas e diálogos artísticos, de modo a contribuir para a educação das relações étnico-raciais nos espaços escolares, e a implementação das leis poderá reverter um processo que exclui, invisibiliza ou menospreza os conhecimentos, as histórias e memórias das populações negras.

Para tanto, a formação continuada pode reverberar na qualificação do profissional docente, tendo em vista a possibilidade de melhorar a sua prática, pelo domínio da compreensão do conhecimento e metodologia voltada para o campo de trabalho. Essa formação permite o aperfeiçoamento da sua profissão e o desenvolvimento pessoal, tendo como objetivo levar o docente a pensar sobre as dificuldades e deficiências encontradas em sua prática, procurando aperfeiçoar e enriquecer a competência profissional. Nesse sentido, o Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais SMED/BH tem um papel importantíssimo na formação continuada dos professores.

A arte afro-brasileira produzida por artistas negros e apresentada em sala de aula pode levar à compreensão de que a produção cultural do Brasil se dá sob diversas mãos e não somente sob a do colonizador. Emanuel Araújo (2000) fala da importância desse tipo de abordagem para desconstruir um imaginário que, primeiramente pelo olhar do estrangeiro e, depois, através da própria sociedade nacional, atuou de maneira poderosa na criação de estereótipos nos quais naturaliza o discurso do preconceito que até hoje marca a identificação do negro em nosso país.

A pesquisa realizada serviu de base para que fosse elaborada uma proposta pedagógica

intitulada *Descolonizando práticas pedagógicas na educação básica: uma proposta de ensino de artes visuais sobre a arte afro-brasileira*, com o objetivo de promover o ensino/aprendizagem das manifestações artísticas afro-brasileiras em artes visuais reconhecendo-as como elementos pertencentes à cultura do país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTONACCI, Célia Maria. **Apontamentos da Arte Africana e Afro-brasileira Contemporânea: políticas e poéticas**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

ARAÚJO, Emanuel. **Negro de Corpo e alma**. In: AGUILAR, Nelson. Mostra do Redescobrimiento: Negro de Corpo e Alma. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 30-51.

BARBOSA, Nelma. **Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Junho de 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. p. 193-211.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especial, p. 693-720, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em:<<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/438>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. 216 p.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos**

pela **Lei federal n. 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**. Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan/abr. 2012. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_edu2e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 30 mai. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: MEC, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural**. In: Educação em foco, Belo Horizonte, a. 4, n. 04, dez. 2000, p. 21-27.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOPES DE LIMA, J. F. O pedagogo docente e o ensino de arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 23, n. 41, p. 110–127, 2020. DOI: 10.24934/eef.v23i41.4838. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/4838>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MUNANGA, K. Arte afro-brasileira: o que é afinal?. **PARALAXE**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 5–23, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/46601>. Acesso em: 20 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro Brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das Relações Étnico-Raciais**. Pensando referenciais para a organização da prática pedagógica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SMED. **Proposições Curriculares do Ensino Fundamental - Caderno de Arte**. Belo Horizonte, 2010.

TROVÃO, F. F.; SILVA, R. A arte visual africana e afro-brasileira: visualidades racializadas

no ensino de arte. **Visualidades**, Goiânia, v. 19, 2022. DOI: 10.5216/v.v19.60850. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/60850>. Acesso em: 23 mar. 2023.

APÊNDICE A – Questões do questionário

- 1- Nome (opcional).
- 2- Nome de onde trabalha (opcional).
- 3- Ciclo de atuação na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.
- 4- Formação.
- 5- Você conhece a Lei nº 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e a Lei nº 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena?
- 6- Na sua escola há um trabalho voltado para a implementação das leis 10.639/03 e 11645/08?
- 7- Se sim, como a implementação das leis é realizada?
- 8- No seu modo de ver, quais são as ações pedagógicas que contribuem para implementação do ensino das artes afro-brasileiras na escola?
- 9- Você utiliza algum referencial negro para trabalhar a Arte afro-brasileira na escola?
- 10- Se sim, quais são os referenciais negros usados por você para trabalhar a arte afro-brasileira na escola?
- 11- Você considera que ao trabalhar com a arte afro-brasileira é possível contribuir com a educação para as relações étnico-raciais?
- 12- Comente sua resposta anterior.
- 13- Em sua prática docente você possui alguma limitação para trabalhar a as artes afro-brasileiras com os/as estudantes?
- 14- Se sim, quais são essas limitações?
- 15- Você participa de formações continuadas voltadas para a temática racial no campo da Arte?
- 16- Se sim, como elas acontecem?
- 17- Você conhece o Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais gerenciado pela Secretaria Municipal de Educação – SMED?
- 18- Se sim, como você avalia a importância do mesmo?
- 19- Caso queira registre observações ou considerações que queira fazer.

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1 – Comente como se dá o processo de implementação na escola onde você trabalha das Leis 10.639/03 e 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A Lei nº10.639/03 foi sancionada há quase 20 anos, mas percebe-se até hoje uma banalização no processo de implementação no espaço escolar. Observa-se que a questão racial aparece ainda em diversas instituições escolares apenas em datas comemorativas (13 de maio, 20 de novembro) ou são experiências pontuais de alguns professores. A inclusão da temática no currículo da sua escola acontece apenas em data comemorativa ou é trabalhada durante todo o ano letivo? Comente.
- 2- Além disso, a temática racial é trabalhada de forma isolada em Arte, Literatura e História ou é trabalhada de forma interdisciplinar?
- 3- No que tange o ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras e indígenas, relate quais referenciais negros são utilizados durante as aulas de Arte.
- 4- Como é tratado o processo de ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira, em relação à herança cultural, de modo que contribua com a educação para as relações étnico-raciais no ambiente escolar?
- 5- Relate sobre práticas exitosas que foram desenvolvidas na sua escola voltadas para o ensino aprendizagem da arte afro-brasileira.
- 6- Você participa de formações continuadas na Rede Municipal de Educação relacionadas a essa temática? Onde? Quando? Com que frequência?
- 7- Que avaliação você faria frente ao processo de ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira e a relação com a educação para as relações étnico-raciais?

ARTE AFRO-BRASILEIRA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi

INTRODUÇÃO

No século XXI, os debates sobre a educação com um olhar para a questão racial se tornam cada vez mais intensos pela urgência das transformações que se fazem indispensáveis para uma educação para todos.

A presente proposta traz contribuições para a educação para as relações étnico-raciais, com desenvolvimento de práticas pedagógicas em artes visuais voltadas ao ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras para estudantes do 2º ciclo do ensino fundamental.

PÚBLICO ALVO

Alunos de 2º ciclo do ensino fundamental

OBJETIVO DA PROPOSTA

Promover o ensino/aprendizagem das manifestações artísticas afro-brasileiras em artes visuais reconhecendo-as como elementos pertencentes à cultura do país.

ETAPAS METODOLÓGICAS

Apresentação/exploração da plataforma digital Projeto Afro.

Identificação de formas distintas das artes visuais, reconhecendo seus elementos constitutivos, estudando artistas na plataforma digital Projeto Afro.

Apreciação de obras de arte com representatividade negra.

Experimentação e criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, em diferentes espaços.

PROPOSTA DE ESTUDOS

Nesta proposta para o estudo em artes visuais voltado ao ensino/aprendizagem das artes afro-

brasileiras, sugere-se a utilização da plataforma digital Projeto Afro ao longo do ano letivo.

Projeto Afro é uma plataforma afro-brasileira, acessível em libras, de mapeamento e difusão de artistas negros criada por Deri Andrade⁵. O projeto amplia e visibiliza a produção artística de autoria negra no Brasil, apresentando sua multiplicidade, seus inter-relacionamentos e sua abrangência. Apresenta um espaço de descoberta e ressignificação com vários referenciais negros que podem ser estudados nas aulas de Arte.

Fruto de uma pesquisa que foi realizada em mais de três anos, que ainda segue em curso em 2023, o conteúdo nela reunido convida cada visitante a navegar por diferentes aspectos dessa produção: mapa interativo, perfis de artistas, artigos colaborativos e entrevistas, escritos acadêmicos, sugestões de eventos, sistematizada em um local dedicado à expressão.

Disponível para *download* de forma gratuita, disponível em <https://projetoafro.com/>, a plataforma também dispõe do aplicativo Projeto Afro. Além da tela, “consiste em um dispositivo para escolha de fundo de tela/descanso de celulares, composto por imagens selecionadas de obras de arte produzidas por artistas que integram o projeto”. Desde a realização de uma programação pública, até o apoio a exposições e pesquisas, o Projeto Afro vem atuando na promoção da arte de autoria negra no Brasil.

Estudar artes visuais por meio da plataforma digital do Projeto Afro poderá ser um valioso recurso para o ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira e apresentação de artistas negros brasileiros.

Por meio dela o professor poderá propor aos estudantes, ainda, um novo olhar em artes visuais para as narrativas de artistas negros a partir da colaboração e da troca.

⁵ Deri Andrade é alagoano, pesquisador, curador e jornalista. Mestrando em Estética e História da Arte na linha de pesquisa História e Historiografia da Arte (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo - USP), especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais (CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da USP) e formado em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo (Centro Universitário Tiradentes - Unit). Interessa-se pelo conceito de arte afro-brasileira, investigando a correlação entre conteúdo e forma presente nas poéticas de artistas negros/as/es. Desenvolveu a plataforma Projeto Afro, resultado de um mapeamento de artistas negros/as/es em âmbito nacional, por entender que a arte é um importante instrumento catalisador na luta antirracista.

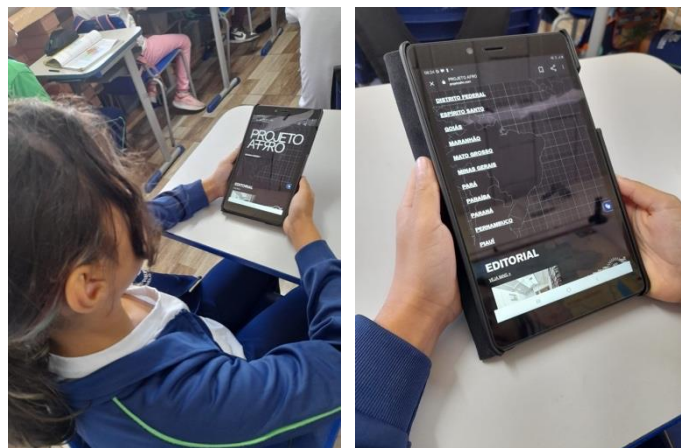
Figura 1 - Captura de tela da Página inicial do Projeto Afro



Fonte: <https://projetoafro.com/>

O trabalho neste ambiente virtual a partir do protagonismo negro pode ser entendido como um manifesto em defesa da igualdade racial, de modo a permitir que os professores possam propor reflexões com os estudantes sobre os processos históricos hegemônicos que validaram o sistema de arte no país por meio das obras nele encontradas.

Figuras 2 e 3 - Tela Afro em *tablet*



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Como professora, ao trabalhar com a plataforma com os estudantes do 2º ciclo na Rede Municipal de Educação, pude observar que nela os referenciais negros podem ser encontrados em ordem alfabética, por técnica, época (ano) e pela unidade de federação do país na qual o artista pertence, e as atividades realizadas atenderam aos objetivos propostos para as aulas.

Tendo em vista essa organização, para a utilização da plataforma, seguem sugestões de práticas

pedagógicas possíveis de serem desenvolvidas podendo ser a plataforma uma referência no ensino da arte afro-brasileira tendo em vista as seguintes etapas metodológicas;

1ª etapa: Apresentação da Plataforma Afro aos estudantes (2h/aulas).

De acordo com os equipamentos tecnológicos disponíveis em cada instituição (computadores, data show, *tablets*, internet), o professor de Arte deverá apresentar a plataforma para os estudantes de modo a incentivá-los a explorarem os recursos disponíveis e mediar o processo, auxiliando no entendimento de como a plataforma está organizada.

Para que essa etapa tenha êxito, é necessário que o professor acesse a plataforma anteriormente, conheça sua organização, possibilidades, artistas e obras e solicite com antecedência os recursos tecnológicos necessários para as aulas.

2ª etapa: Sobre a plataforma - roda de conversa (3h/aulas).

1º passo: Como a plataforma foi organizada?

Propor uma roda de conversa sobre a organização da plataforma incentivando os estudantes a fazerem um breve mapeamento dos artistas presentes nesse ambiente virtual.

2º passo: Quem idealizou o Projeto Afro?

Breve pesquisa sobre a biografia do idealizador da plataforma em *tablets* e computadores. Socialização coletiva das descobertas, mediada pelo professor.

3º passo: Rodada de indagações.

Durante a roda de conversa, faz-se necessário que, concomitantemente com o diálogo mediado pelo professor acerca da organização da plataforma, perguntas também sejam direcionadas: Por que e para quê eles imaginam que essa plataforma foi criada? Os estudantes conhecem algum artista que se encontra na plataforma? O que pensam sobre a relevância da difusão virtual da arte de artistas negros do país?

3ª etapa: Conhecendo artistas e obras

Como sugestão, a difusão dos artistas negros e obras poderá ser realizada a partir da unidade de federação na qual a escola está localizada, abrangendo as demais unidades pertencentes à mesma região do país, ou por ordem alfabética. O professor poderá definir juntamente com os estudantes de que maneira começarão o trabalho.

1º passo - Mapeamento dos artistas: biografia (2h/aulas)

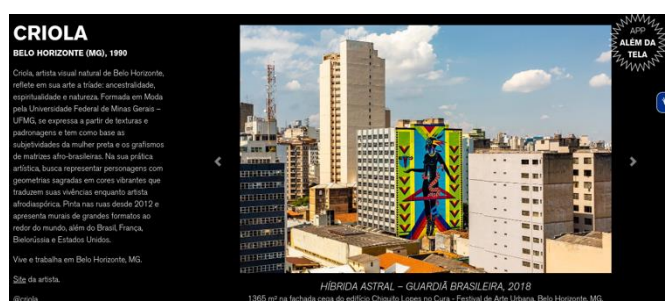
Nessa etapa os estudantes podem ser convidados a realizarem uma pesquisa sobre quais são os artistas listados na plataforma no estado em que vivem, por exemplo, e se existem artistas que expõem sua arte na cidade em que moram para dar início ao trabalho de mapeamento. Uma pesquisa biográfica dos artistas poderá ser proposta pelo professor aos estudantes, para que a façam individualmente ou em grupo.

Para as escolas situadas em Minas Gerais, por exemplo, pode-se propor o levantamento dos artistas encontrados na plataforma que representam a arte negra neste estado, listando-os.

A artista Crioula é uma das artistas mineiras. Crioula⁶, referenciada por professores da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte em pesquisa (2023) sobre o ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira, possui uma obra pintada na cidade de Belo Horizonte.

Tainá Lima, mais conhecida como Crioula, artista visual natural de Belo Horizonte, reflete em sua arte a tríade: ancestralidade, espiritualidade e natureza. Formada em Moda pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, se expressa a partir de texturas e personagens e tem como base as subjetividades da mulher preta e os grafismos de matrizes afro-brasileiras. Na sua prática artística, busca representar personagens com geometrias sagradas em cores vibrantes que traduzem suas vivências enquanto artista afrodiaspórica. Ela faz da arte urbana a sua luta política para fortalecer as mulheres negras. Criada na periferia, ela conta que já sofreu muito preconceito por ter cabelo crespo, principalmente na infância. Isso reflete completamente em seus desenhos, que exploram a imagem da mulher negra. Acabar com o preconceito é a maior arma do grafite da artista.

Figura 4 - Captura de tela, obra Híbrida Astral - Plataforma Afro



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/crioula/>

⁶ Obras disponíveis em: <https://projetoafro.com/artista/crioula/>

*Híbrida Astral*⁷ - Guardiã brasileira, 2018, além de fazer parte da arte urbana da cidade de Belo Horizonte, e possivelmente de conhecimento visual de alguns estudantes, pode constituir um instrumento de apreciação e debate sobre representações negras na arte.

2º passo- Apreciando obras, conectando saberes (1h/aula)

O professor poderá propor, neste passo, que os estudantes apreciem por meio dos equipamentos disponíveis, individual, em grupo, ou coletivamente a apreciação das demais obras do artista apresentado na plataforma.

Após apreciação, podem ser feitas perguntas, tais como: Alguém já conhecia a artista? Qual obra chamou mais atenção? Por que? Qual o tipo de técnica utilizada nas obras apreciadas? Que aspectos da cultura afro-brasileira são retratados nas imagens? Que aspectos das obras poderiam destacar como elementos no combate ao racismo e preconceito no qual, ao estudar a biografia da artista, ela diz se propor?

3º passo - Para saber mais (2h/aulas)

Ainda na plataforma, é possível sugerir aos estudantes a realização de visita ao *site* do artista e às redes sociais (caso possuam), como o Instagram, por exemplo. O Projeto Afro faz o redirecionamento para *hiperlinks*, caso tenha o usuário tenha interesse de saber mais sobre o artista ou conteúdo que está sendo estudado.

O professor poderá sugerir que os estudantes anotem suas descobertas para utilizá-las em sala de aula, com a turma.

4ª etapa: Experimentação e criação

Após conhecer artistas, realizar a apreciação das obras, produções e acessar *sites* sugeridos pela plataforma, a realização de visitas a espaços de educação não formal constitui a quarta etapa metodológica desta proposta.

1º passo - Processos de criação

Os estudantes poderão ser convidados a realizarem registros por meio de desenhos, pinturas, colagens, modelagens, relacionados aos elementos observados em uma ou mais obras do artista estudado.

⁷ Obra disponível em <https://projetoafro.com/artista/criola/>.

Propor aos estudantes o registro do nome da obra de um determinado artista que mais chamou atenção, realizar o registro e justificar o motivo da escolha. Assuntos como as religiões de matriz africana, moda inspirada na arte africana e identidade afro-brasileira poderão fazer parte da discussão, tendo como referência outros artistas presentes na plataforma⁸.

2º passo - Aprender sobre diferenças estéticas

O professor poderá sugerir aos estudantes que acessem a entrevista de Goya Lopes e ler trechos da entrevista⁹ com a designer baiana sobre a moda afro-brasileira.

Incentivar os estudantes a acessarem o editorial¹⁰ sobre Rubem Valentim¹¹, que traz, nas suas obras, elementos relacionados à cultura afro-brasileira por meio da pintura e da escultura.

O professor poderá propor uma pesquisa individual de estampas criadas por Goya Lopes e sugerir que os estudantes criem, por meio de desenho, pintura, colagem, modelagem ou outra forma, sua própria estampa em papel A4 branco, tendo a artista como referência.

3º parte - Ensinar e aprender Arte em outros espaços

Considerando o mapeamento de artistas negros nos estados brasileiros e que compõem o Projeto Afro retratando a arte afro-brasileira, cada professor poderá realizar um levantamento de espaços de educação não formal localizados no município no qual sua instituição escolar está inserida, que sejam abertos a estudantes, e planejar uma visita para que possam ter contato com as várias modalidades de arte fora do ambiente escolar.

Caberá ao professor, junto à sua instituição de ensino, planejar desde o transporte até o lanche se necessário, bem como organizar e preparar os estudantes para as visitas. Na preparação, caberá ao professor de Arte realizar uma busca e socializar imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o espaço a ser visitado, para que tenham conhecimento do espaço a ser visitado, suas condições de uso e saibam de antemão sobre as obras que vão encontrar.

É indicado dialogar com os estudantes se alguém da turma já visitou o lugar, e aproveitar para

⁸ Um exemplo seria a artista visual Sônia Gomes, que para além de ressignificar a memória através das texturas, cheiros e cores, seu trabalho resgata, a experiência e a cultura afro-brasileira, que continuam a ser diminuídas e apropriadas no último país do mundo ocidental a abolir a escravidão.

Leia: <https://vogue.globo.com/Vogue-Gente/noticia/2021/10/conheca-sonia-gomes-artista.html>

⁹ Entrevista disponível em <https://revistaraca.com.br/a-moda-afro-brasileira/>.

¹⁰ Editorial sobre Rubem Valentim: <https://projetoafro.com/?s=Rubem+Valentim>

¹¹ Biografia de Rubem Valentim: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2016/11/01/rubem-valentim>

explorar suas impressões e observações. É preciso, também, providenciar as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os estudantes da escola.

É papel do professor estimulá-los a participarem ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala de aula e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

A autorização para uso do celular para fins de registro, desde que haja permissão dos espaços, também constitui uma ação pedagógica valiosa para avaliar a experiência e socializar imagens que poderão culminar em um vídeo coletivo.

Ainda tendo como exemplo o município de Belo Horizonte, cabe destacar que conforme pesquisa realizada, a Rede Municipal de Educação promove desde 2011 o Projeto Circuito de Museus, iniciativa da Secretaria Municipal de Educação.

Tal projeto permite que estudantes das escolas municipais possam visitar três instituições culturais ao longo do ano, a partir de um percurso temático. A realização das três visitas busca assegurar o desenvolvimento de habilidades de articulação de ideias, apreciação estética e interpretação dos significados contidos em objetos, obras de arte, fotografias, documentos textuais e filmes.

O projeto conta com instituições parceiras, tais como museus, arquivos, centros de cultura, centros de memória e galerias, que estão agrupadas em nove percursos temáticos: Arte Brasileira; Artes Visuais; Ciências; Esporte, Lazer e Memória; Histórias de Belo Horizonte; Histórias de Mulheres; Imagem em Movimento; Pampulha; e Território Negro.

O Circuito Território Negro surgiu em parceria com a Gerência de Relações Étnico-Raciais/SMED e tem como finalidade promover uma leitura dos acervos das instituições, de modo a favorecer a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africana e afro-brasileira, suas histórias, suas produções intelectuais, científicas, tecnológicas e estéticas e suas formas de organização social.

Cabe ao professor ficar atento às opções que sua cidade oferece e planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e até passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, também podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana, feiras populares, coleções particulares,

espaços culturais comunitários, aldeias indígenas e quilombos, entre outros.

Para a realização de uma visita cultural que seja significativa para os estudantes, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula. Durante a visita, estimule os estudantes a questionarem aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Esta etapa da proposta permite aos professores aprofundarem no tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Essas visitas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão.

As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das habilidades EF69AR08 (Diferenciar as categorias de artista, artesão, produtor cultural, curador, designer, entre outras, estabelecendo relações entre os profissionais do sistema das artes visuais) e EF69AR34 (Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas), presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, a diferenciação pelos estudantes do trabalho de alguns profissionais do sistema das artes visuais e a valorização do patrimônio cultural, material e imaterial de um determinado município.

4º passo: Avaliação das práticas pedagógicas desenvolvidas

Após a exploração da Plataforma Afro, que propicia ao estudante e ao professor conhecerem artistas negros que retratam a arte negra ou afro-brasileira por municípios, estado ou região do Brasil, cabe propor uma avaliação dialogada com os estudantes sobre o que aprenderam, impressões e considerações.

Aspectos como visibilidade negra na arte, identidade e combate ao preconceito racial devem fazer parte da ação dialogada, que poderá ser proposta em debates em sala de aula, mediados pelo professor.

A avaliação das visitas aos espaços culturais é uma ação importante a ser efetivada, e pode ser feita uma roda de conversa para avaliação dos espaços visitados. Nesta fase da proposta, a

socialização de imagens e a edição de vídeo coletivo também poderão constituir valiosos instrumentos de avaliação.

Para as atividades, são indicados diversos materiais, entre outros: computador, *tablets*, *data show*, papel, lápis de colorir, lápis de escrever, borracha, tinta guache, bem como é importante ter acesso à internet.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presente proposta trouxe sugestões para o desenvolvimento de práticas pedagógicas relacionadas ao ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras em artes visuais com estudantes do ensino fundamental e possíveis contribuições para o desenvolvimento de ações que promovem a educação para as relações étnico-raciais e implementação das Leis nº10.639/03 e nº11.645/08.

Ela busca identificar referenciais já utilizados por docentes da educação básica e como eles podem vir a compor uma proposta pedagógica que contemplem artistas negros por meio da utilização da plataforma digital intitulada Projeto Afro, outros mais específicos de caráter descolonizante para o ensino/aprendizagem de arte afro-brasileira.

Com as práticas sugeridas, espera-se que os estudantes possam relacionar a Arte como fato histórico, contextualizado nas diversas culturas, relacionando e analisando as produções identificando a existência de concepções artísticas e estéticas de diferentes grupos sociais.

Espera-se ainda que valorizem as diferentes formas de manifestações artísticas afro-brasileiras como referenciais relevantes para a compreensão da diversidade na medida em que possam ter contato com artistas negros, com a arte afro-brasileira de modo a fruir com o objeto estudado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTONACCI, Célia Maria. **Apontamentos da Arte Africana e Afro-brasileira Contemporânea: políticas e poéticas**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

ARAÚJO, Emanuel. **Negro de Corpo e alma**. In: AGUILAR, Nelson. Mostra do Redescobrimiento: Negro de Corpo e Alma. Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Nelma. **Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas**. Jundiaí:

Paco Editorial, 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. p. 193-211.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira.** Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORRÊA, Antônio Matheus do Rosário; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especial, p. 693-720, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/438>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. 216 p.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal n. 10.639/03.** Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 30 mai. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação.** In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola.* Brasília: MEC, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural.** In: *Educação em foco*, Belo Horizonte, a. 4, n. 04, dez. 2000, p. 21-27.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

LOPES DE LIMA, J. F. O pedagogo docente e o ensino de arte na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 23, n. 41, p. 110–127, 2020. DOI: 10.24934/eef.v23i41.4838. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/4838>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MUNANGA, K. Arte afro-brasileira: o que é afinal?. **PARALAXE**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 5–23, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/46601>. Acesso em: 20 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro Brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Educação das Relações Étnico-Raciais**. Pensando referenciais para a organização da prática pedagógica. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SMED. **Proposições Curriculares do Ensino Fundamental** - Caderno de Arte. Belo Horizonte, 2010.

TROVÃO, F. F.; SILVA, R. A arte visual africana e afro-brasileira: visuais racializadas no ensino de arte. **Visualidades**, Goiânia, v. 19, 2022. DOI: 10.5216/v.v19.60850. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/60850>. Acesso em: 23 mar. 2023.